

MEMÓRIA E RELATO HISTÓRICO NOS *COMMENTARII DE BELLO GALLICO* DE JÚLIO CÉSAR

Edilane Vitório Cardoso¹

Neste estudo, pretendemos elaborar uma análise a respeito da memória e de sua relação com o relato histórico presente na obra *Commentarii de bello gallico*. Da autoria do escritor romano Caio Júlio César (100-44 a. C.). O texto é uma compilação de anotações referentes aos oito anos em que o próprio autor permaneceu na região então conhecida como Gália. Compreendendo oito livros, a obra relata a guerra travada entre os romanos e os gauleses, sendo que cada livro corresponde a cada ano de embate ocorrido entre os romanos e os diferentes povos habitantes da região denominada de Gália.

A Gália era um território hostil ocupado por várias raças, oriundas de diversas etnias. Nesse extenso relatório de guerra que caracterizam os *commentarii*, são registrados, sob o punho do próprio César, batalhas e conflitos ocorridos durante o longo período de embate. A versão que se tem da guerra romana contra os gauleses é, portanto, apresentada a partir da ótica e do posicionamento do próprio autor na condição de testemunha, enquanto general e estrategista. Entretanto, César também lança mão de inúmeros informantes, ou espões, que lhes relatavam os fatos não testemunhados por ele. Suas anotações, além de apresentar uma versão unilateral dos fatos, também possuem a interferência de outras visões, adquiridas de forma indireta, quando repassadas ao general pelos seus soldados, exploradores ou lugares-tenentes.

Por se tratar de uma obra do século I a.C., não se pode determinar que seja uma produção historiográfica, uma vez que a historiografia latina é posterior a esse período. Contudo, é possível perceber a incipiência de muitos aspectos relativos à historiografia. A imparcialidade, por exemplo, é um desses aspectos, além da apresentação de datas e das fontes pelas quais César era informado de cada evento, e da descrição minuciosa dos vários povos em conflito.

Júlio César, de algum modo, apresenta em sua narrativa os preceitos já definidos por Cícero quando se trata da conceituação do gênero histórico estipulado pelo orador. De acordo com Dosse, Cícero, além de outras coisas, se inspira fortemente na eficácia da retórica para determinar o gênero histórico. O historiador deve obedecer a uma estilística própria à história, em que deve se submeter a certo número de regras intangíveis sobre história. Dosse registra as regras defendidas por Cícero:

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí. E-Mail: <edilane Cardoso@yahoo.com.br>.

*Em primeiro lugar, não afirmar nada falso, depois, ousar dizer a verdade, em terceiro lugar, evitar qualquer suspeita de parcialidade, de favor ou de raiva; enfim, respeitar a sequência cronológica, a ordem dos acontecimentos e mencionar precisamente as datas.*²

Os confrontos violentos e a experiência de guerra são temas freqüentes quando se trata do objeto de estudo para a história, sobretudo, em se tratando de produções antigas. Os espaços, os locais e as etnias em conflito, estando diretamente relacionados com a guerra, configuram-se como fontes de conhecimento, na medida em que é por meio deles que se pode fundamentar abordagens dos diversos materiais culturais pertencentes aos motins.

Os primeiros historiadores romanos caracterizam-se inicialmente por serem membros de classes dirigentes, em sua maioria, são memorialistas políticos, pertencentes ao âmbito militar. Segundo alguns especialistas da área, a intenção destes primeiros historiadores era divulgar os fatos, registrar os acontecimentos e os feitos para que não desaparecessem na memória coletiva da sociedade.

Roma aparece como o personagem central da história, e o mais importante para os romanos consiste em estabelecer o que é e deve permanecer uma realidade: a grandeza romana. Nesta perspectiva, desenvolve-se a preocupação de construir uma história da qual Roma é o centro, a fim de afirmar seu papel de prestígio e celebrá-lo. No sentido memorialístico, a proposta relacionava-se à disseminação dos acontecimentos, em especial aqueles que de algum modo pudessem enaltecer a própria glória romana.

Ao utilizarmos como referência a grega, a historiografia latina apresenta-se muito mais tardia cronologicamente. Phillippe Tétart esclarece que datam dos séculos III e II a. C, cinco séculos após a fundação de Roma, os primeiros esforços voltados para o campo historiográfico em território latino. Tétart evidencia que dois grandes fatores contribuíram para o adiamento, o primeiro diz respeito a já então renomada historiografia grega, cuja dominação prevaleceu no universo cultural de Roma³.

A história romana começa a aprimorar-se, porém o que está em jogo é o debate sobre Roma, sejam instituições, constituições ou guerras. Estes historiadores, que também são políticos, desenvolvem suas produções, embora estando, a todo o momento, submetidos aos modelos gregos. Ademais, os primeiros historiadores romanos fazem suas composições em grego e a cultura latina apresenta-se nessa época ainda fortemente marcada por elementos relativos à cultura helênica. O segundo fator, de acordo com Tétart, estaria associado ao próprio conceito de nacionalidade, uma vez que a ideia de nação leva certo tempo para se concretizar. Portanto, em Roma, a história como memória nacional ainda não aparece aliada à sua função cívica.

As primeiras noções relativas ao gênero histórico são de origem grega. Heródoto

² DOSSE, François. *A História*. Tradução de Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru: EDUSC, 2003, p. 103.

³ TÉTART, Philippe. *Pequena história dos historiadores*. Tradução de Maria Leonor Loureiro. São Paulo: EDUSC, 2000.

e Tucídides são os dois nomes gregos mais representativos, os quais exerceram forte influência sobre os escritores latinos. No entanto, estes historiadores, enquanto contemporâneos de suas obras, não tinham consciência de que o que escreviam era história.

A concepção de história na antiguidade distingue-se da concepção empregada na modernidade. Segundo Gagnebin, o nosso conceito implica um gênero científico bem determinado, o termo história para os antigos possui nessa época e nesse contexto uma significação muito mais ampla quando comparada à definição atual. Em se tratando do significado do termo história e das obras de Heródoto, a autora tece algumas considerações a respeito:

*[...] ele [o significado] remete à palavra *hístōr*, aquele que viu, testemunhou. O radical comum está ligado à visão, ao ver e ao saber. Heródoto quer apresentar aquilo que viu e que pesquisou. Trata-se então de um relato de viagem, de um relatório de pesquisa, de uma narrativa informativa e agradável que engloba os aspectos da realidade dignos de menção e de memória.*⁴

O objeto da história, portanto, ainda não se apresenta bem determinado ou definido, pelo contrário, não há nenhuma restrição quanto ao tema em estudo. São produções que envolvem desde a tradição de povos longínquos até as razões de uma derrota militar. Trata-se da junção de vários elementos heterogêneos, que de nenhum modo pareciam incomodar os primeiros historiadores. Nas narrativas de Heródoto, por exemplo, o que diferencia as suas pesquisas de outras formas narrativas não seria o seu objeto de estudo, mas o processo de aquisição desses conhecimentos. “Heródoto fala daquilo que ele mesmo viu ou daquilo que ouviu falar por outros, ele privilegia a palavra da testemunha, a sua própria ou a de outrem”⁵.

O historiador grego, inúmeras vezes ao longo de sua narrativa, menciona as suas fontes, se ele mesmo viu o que conta ou se só ouviu falar e, neste caso, se o “informante” tinha visto ou só ouvido falar. Para Gagnebin, Heródoto retoma e transforma a tarefa do poeta arcaico que é contar os acontecimentos, conservar a memória, resgatar o passado, lutar contra o esquecimento. Trata-se de “religar o presente ao passado, fundando a identidade de uma nação ou de um indivíduo nesta ligação constante”⁶.

As produções historiográficas latinas, em decorrência da inspiração em modelos gregos, também possuem a preocupação de lutar contra o tempo que destrói e aniquila a lembrança dos atos heroicos dos homens, quando procuram dar a causa dos acontecimentos. Na obra de Júlio César é possível verificar heranças dos

⁴ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.14.

⁵ GAGNEBIN, *Sete aulas...*, p.14.

⁶ GAGNEBIN, *Sete aulas...*, p.15.

padrões e modelos dos historiadores gregos. O autor dos *commentarii* não faz uso de documentos ou de textos escritos que de algum modo certifiquem seu registro.

Assim como Heródoto, César busca privilegiar a palavra de testemunhas vivas, que passa pelo ver e ouvir. Ao descrever uma batalha, ou algum outro evento ocorrido, não cita nenhuma prova escrita que eventualmente possa legitimar seu relato e ajudá-lo na reconstrução dos fatos. O autor se vale de relatos orais, informações oriundas de encarregados seus, ou mesmo dados resgatados de sua própria memória, enquanto ator e testemunha dos acontecimentos:

*No mesmo dia [César] foi informado pelos exploradores de que os inimigos tinham tomado posição ao pé de um monte a oito mil passos do acampamento deles próprios (romanos), mandou que reconhecessem qual seria a natureza do monte e qual a subida em volta dele. Foi informado de que era fácil.*⁷

*Informado por Titúrio, César atravessou a ponte com toda a cavalaria e os numidas de infantaria ligeira, fundibulários e arqueiros, e marchou contra eles.*⁸

A veracidade e autenticidade de seu texto são certificados através da citação de locais, causalidades lineares, datas e fontes relativas à sucessão de fatos. César procura ressaltar a descrição dos eventos com a mesma nitidez com que ocorrem. Mediante uma linguagem clara e precisa, os episódios são apresentados e conduzidos a partir de seu julgamento, como podemos verificar a seguir:

*No dia seguinte, César, antes que os inimigos se recuperassem do medo e da fuga, conduziu o exército para os territórios dos suessiões, que eram vizinhos aos Remos, e percorrendo longo caminho, chega à cidade fortificada de Novioduno. Tentou atacá-la de improviso, porque tinha ouvido que estava desprovida de defensores.*⁹

⁷ Grifos nossos. Tradução livre de minha autoria. Texto original: “Eodem die ab exploratoribus certior factus hostes sub monte consedissee milia passuum ab ipsius castris octo, qualis esset natura montis et qualis in circuitu ascensus, qui cognoscerent misit. Renuntiatum est facilem esse”. CAESAR. *The gallic war* – Book I. Tradução de H. J. Edwards. Londres: The Loeb Classical Library, 2006, p. 20.

⁸ Grifos nossos. Tradução livre de minha autoria. Texto original: “[Caesar] certior factus ab Titurio omnem equitatum et levis armaturae Numidas, funditores sagittariosque pontem traducit atque ad eos contendit”. CAESAR. *The gallic war* – Book II. Tradução de H. J. Edwards. Londres: The Loeb Classical Library, 2006, p. 10.

⁹ Tradução livre de minha autoria. Texto original: “Postridie eius diei Caesar, priusquam se hostes ex terrore ac fuga reciperent, in fines Suessionum, qui proximi Remis erant, exercitum duxit et magno itinere confecto ad oppidum Noviodunum contendit. Id ex itinere oppugnare conatus, quod vacuum ab defensoribus esse audiebat”. CAESAR, *The gallic war* – Book II, p. 12.

Trata-se de uma primazia da oralidade advinda de tradição grega, em que o papel da memória desempenha uma estreita ligação entre tradição mítica e poética, transmitida de geração em geração e posteriormente utilizada pelos romanos, enquanto seguidores dos moldes gregos.

Segundo Le Goff, numa concepção que remonta à Grécia arcaica, a memória personificada em deusa lembra aos homens e recordação dos heróis e de seus grandes feitos junto a toda a sociedade, numa tradição que preside a poesia lírica. O autor ressalta que:

*O poeta é, pois, um homem possuído pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como o adivinho é do futuro. É a testemunha inspirada dos tempos antigos. [...] a memória aparece então como um dom para iniciados. [...] Ela é antídoto para o esquecimento. [...] fonte da imortalidade.*¹⁰

Baseando-se numa tradição pré-estabelecida, os historiadores romanos aqui pretensamente representados por Júlio César, procuram registrar os fatos considerando a lembrança dos acontecimentos. Entretanto, o relato das origens não é, portanto, como para os gregos, uma pedra angular. Não há ainda o rigor científico que dominaria a história dos grandes acontecimentos. “César, como escritor, personifica de maneira emblemática essa dimensão quase cultural, vinculada no caso a um autoculto da personalidade (*Commentarii*)”¹¹.

O material encontrado na obra *Commentarii de bello gallico* é um valioso documento histórico em virtude de seu caráter informativo e memorialístico, na medida em que ela nos permite conhecer a natureza e as características não só dos conflitos que nos são relatados, mas também dos diversos povos apresentados ao longo de toda a obra. Estas fontes são bastante importantes para a construção do nosso conhecimento sobre o passado. Nesse caso, a memória atua de forma significativa para a constituição de toda a narrativa. A guerra contra os gauleses permanece nas memórias como fonte da história, uma vez que são representações contextuais do passado.

Os *commentarii* foram escritos em condições particulares e para fins políticos específicos, uma vez que sua divulgação ao público e para o senado foi muito importante não só para o político, mas também para o general Júlio César. A estrutura narrativa presente nos *commentarii* obedece, pois, a modelos de uma narrativa memorialística.

Recorrendo à Mnemosine como geradora de Clio, César registra cada episódio, cujo conteúdo diz respeito à grande aventura bélica da qual participou, descrevendo

¹⁰ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 434-435.

¹¹ TÉTART, Philippe. *Pequena história dos historiadores*. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2000, p. 24.

eventos que tinha diante dos olhos e de cujo espírito compartilhava. O desempenho da memória nos *Commentarii* de César orienta o registro e a inscrição dos fatos. Os acontecimentos transcorridos durante oito anos em território inimigo não podem desaparecer e nem serem corroídos pelo tempo. Aqui o espaço atua como local de experiência para memorização. Os registros contidos ao longo de todo o relato se constituíram como memórias, experiências pelas quais passaram o autor.

[...] eram os únicos que, pela memória dos antepassados Romanos, assolada toda a Gália, tinham impedido os Cimbrós e Teutões de avançarem sobre os seus territórios; por essa causa tinha acontecido que pela memória dessas coisas, tomaram para si grande autoridade e grandes presunções na arte militar. [...] Entre eles, também pela memória romana, tinha sido rei Diviciaco, o mais poderoso de toda a Gália, que como tinha obtido o domínio de grande parte dessas regiões, assim também o da Britânia.¹²

A memória, pois, em vários momentos surge como artifício e, com a ajuda desta, César relata algumas divergências e ofensas sofridas pelos romanos durante a guerra, ou numa época anterior ao conflito bélico, mas que permanecem vivas na memória do povo romano. Muitas vezes, por meio de um discurso encorajador destinado aos seus soldados, César rememora tais ofensas de forma a impulsionar e reavivar o espírito guerreiro dos combatentes.

Toda a oratória de César objetiva animar e impulsionar os contendores para os combates que aconteceram a seguir. A memória atua não só como participante, mas, e, sobretudo, como artífice da história da guerra, por esse motivo incide quantitativamente sobre a esfera historiográfica. O desempenho da memória nos *Commentarii* de César orienta não só seus discursos de modo a qualificar a atuação dos seus soldados, mas também conduz e legitima o registro e a inscrição de todos os fatos concernentes à grande aventura bélica em questão.

Considerações Finais

Tendo em vista a exposição dos argumentos, podemos considerar que os *commentarii* são relatos em que nos são apresentados um modelo de exposição histórica, uma vez que através desta obra entramos em contato com várias informações bastante significativas para o campo da historiografia. Sendo assim, a relevância da referida obra incide, sobretudo, no âmbito da documentação histórica

¹² Grifos nossos. Tradução livre de minha autoria. Texto original: “[...] solosque esse, qui patrum nostrorum memoria omni Gallia vexata Teutonon Cimbroisque intra fines suos ingredi prohibuerint; qua ex re fieri, uti earum rerum memoria magnam sibi auctoritatem magnosque spiritus in re militari sumerent. Apud eos fuisse regem nostra etiam memoria Diviciacum, totius Galliae potentissimum, qui cum magnae partis harum regionum, tum etiam Britanniae imperium obtinuerit”. CAESAR, *The gallic war – Book II*, p. 06.

e da literatura memorialística, posto que se trata de um relato de guerra no qual são registradas de forma cronológica e linear, sob relações de causalidade e efeito, inúmeras informações referentes ao longo período de atividade bélica.

Trata-se de uma produção do século I a.C., em que as aproximações referentes ao gênero literário e histórico eram ainda muito significativas. Todo o relato é fortemente conduzido pela atuação da rememoração dos fatos ocorridos. O testemunho e a memória na construção narrativa de Júlio César possuem, pois, significativas funções: auxiliar e legitimar a produção do autor na construção e tessitura dos acontecimentos, além de servir como suporte para estabelecer um reforço mnemônico de todo o período que diz respeito à guerra empreendida.

No que diz respeito ao âmbito historiográfico, a produção fornece um rico material, sobretudo, quando se trata das descrições de batalhas, estratégias de guerrilha utilizadas por povos, bem como dados igualmente relevantes acerca dos próprios grupos étnicos com os quais os romanos entravam em contato, seja por meio de combates, seja através de conflitos mais sutis, envolvendo discussão entre chefes guerreiros de determinados povos, ou até mesmo pelas alianças estabelecidas com alguns dos comandantes. Além disso, como já foi explicitado, o autor mostra-se muito cuidadoso quanto à notificação cronológica, espacial e informativa que fundamentem todo o seu relato. Essas características, mesmo que ainda incipientes, por si só, já contribuem para a dimensão historiográfica da obra *Commentarii de bello galico*.

Portanto, o desempenho da memória nos *Commentarii* de César orienta o registro e a inscrição dos fatos. *Mnemosine* e *Clio*, para além de serem mãe e filha, são aqui aliadas, e a atuação da primeira influencia direta e qualitativamente no papel da segunda.



RESUMO

Na antiguidade, o conceito de história ainda possui uma significação bastante ampla, etimologicamente, remete à ideia de testemunha, estando associado ao ver e ao saber. As produções historiográficas desta época são semelhantes a relatos de viagem, relatórios de pesquisa ou narrativas informativas, que compreendem alguns aspectos da realidade dignos de alusão e de memória. Sendo assim, considerando uma obra representativa do século I a.C., o trabalho a seguir se propõe a desenvolver um estudo acerca da memória e do relato histórico nos *Commentarii de Bello Gallico*. O objetivo central é analisar a relação que se estabelece entre ambos os temas, uma vez que é possível perceber a recorrência de aspectos memorialísticos no que diz respeito ao registro dos acontecimentos. Para a fundamentação dessa discussão, o trabalho se baseará nos textos de Tetárt, Dosse, além dos estudos de Le Goff e de Gagnebin.

Palavras Chave: Memória; História; *Commentarii de Bello Gallico*; Júlio César.

ABSTRACT

In antiquity, the concept of history still has a very wide meaning, etymologically, refers to the idea of a witness, being associated with seeing and knowing. Historiographical productions this season are similar to reports of travel, research reports or informative narratives, which include some aspects of reality worthy of reference and memory. Thus, considering a representative work of the first century b.C., the following work aims to develop a study of memory and historical account in *Bello Gallico Commentarii*. The main objective is to analyse the relationship established between the two topics, since it is possible to notice the recurrence of memoirs aspects with regard to the record of events. For the foundation of this discussion, the work will be based on texts Tetárt, Dosse, in addition to studies of Le Goff and Gagnebin.

Keywords: Memory; History; *Commentarii de Bello Gallico*; Julius Caesar.

Artigo recebido em 16 abr. 2014.

Aprovado em 02 ago. 2014.